



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL  
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS  
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

**MAMADÚ VICENTE**

**RITUAL *TOKA TCHUR* DA EXPRESSÃO HUMANA MANJACO: UMA ANÁLISE  
FILOSÓFICA, POLÍTICA E SOCIAL DA CULTURA BISSAU-GUINEENSE**

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2024**

**MAMADÚ VICENTE**

**RITUAL *TOKA TCHUR* DA EXPRESSÃO HUMANA MANJACO: UMA ANÁLISE  
FILOSÓFICA, POLÍTICA E SOCIAL DA CULTURA BISSAU-GUINEENSE**

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado ao Bacharelado em Humanidades, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial à obtenção de título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rutte Tavares Cardoso Andrade.

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2024**

**MAMADÚ VICENTE**

**RITUAL *TOKA TCHUR* DA EXPRESSÃO HUMANA MANJACO: UMA ANÁLISE  
FILOSÓFICA, POLÍTICA E SOCIAL DA CULTURA BISSAU-GUINEENSE**

Projeto de pesquisa apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharelado em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB.

Aprovado em 6 de maio de 2024.

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rutte Cardoso Andrade (Orientadora)**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

**Prof. Dr. Alexandre Antônio Timbane**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

**Prof. Dr. Ricardo Matheus Benedicto**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>5</b>
<b>2</b>	<b>PROBLEMA DE PESQUISA</b>	<b>8</b>
<b>3</b>	<b>JUSTIFICATIVA</b>	<b>8</b>
<b>4</b>	<b>OBJETIVOS</b>	<b>10</b>
4.1	GERAL	10
4.2	ESPECÍFICOS	11
<b>5</b>	<b>HIPÓTESES</b>	<b>11</b>
<b>6</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO</b>	<b>12</b>
<b>7</b>	<b>RELIGIÕES DA MATRIZ AFRICANA: IRAN ENQUANTO ENTIDADE ESPIRITUAL</b>	<b>13</b>
<b>8</b>	<b>METODOLOGIA</b>	<b>16</b>
<b>9</b>	<b>CRONOGRAMA</b>	<b>17</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>18</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente projeto de pesquisa é um trabalho que será apresentado para conclusão do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades (BIH) na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês. Tendo como o tema: Ritual *toka tchur* da expressão humana Manjaco: uma análise filosófica, política e social da cultura bissau-guineense. Dessa maneira, este trabalho tem como embasamento do cunho afrocentrada, objetivando-se a uma análise, filosófica, cultural e social da cultura dos mandjakus da Guiné-Bissau, tendo como foco principal *toka tchur*.

Conforme aponta filósofa e escritora burquinense Sobonfu Somé (2003), o chamado ritual é o meio pelo qual chamamos o espírito para servir de guia, ou seja, supervisionar as nossas atividades. Nessa perspectiva, Garrafão (2022) destaca que o ritual *toka-tchur*, é um tipo de ritual que garante a integração da alma de uma pessoa morta no mundo do além. É importante salientar que a palavra Mandjaku e *toka-tchur* em vários trabalhos apresentam disparidades gráficas em relação ao uso destes conceitos, isso tem a ver com o eurocentrismo dos termos, o que acaba muitas das vezes mexendo com a verdadeira essência dos mesmos. Digo isso, na medida em que alguns autores preferem o uso do conceito “Manjaco” em vez de “Mandjaku” e enquanto alguns preferem usar o termo “*toca choro*” ao em vez de “*toka-tchur*”. De acordo com Nhaga (2011), o nome do povo Mandjaku significa eu digo-te na própria língua mandjaku, sendo assim, a alteração deste termo para “manjaco” acaba tirá-lo desse conceito.

Conforme, Nuniz, Correia e Campos (2023) destacaram que existem palavras em língua guineense aportuguesadas, por exemplo, o termo *toca choro*, que vem da expressão *toka tchur* em crioulo da Guiné-Bissau, ou seja, língua guineense. Eles ainda frisaram que, esse fato tem a ver com a falta de atividades em língua guineense, ou seja, materiais escritos. Portanto, essa ausência fez com que muitas palavras tenham sido colocadas aleatoriamente ou por não existirem outras em língua portuguesa.

*Toka-tchur* em língua guineense é o nome dado ao ritual que se faz depois da morte de um indivíduo. Logo, a palavra *toka* significa verbo tocar em língua português, *tchur* significa desaparecimento físico duma pessoa. Nesse caso, visto que a tradução de palavra *tchur* para *choro* em português não corresponde com o conceito dessa palavra. Dessa forma, este trabalho além debruçar sobre a realização da prática cultural *toka-tchur*, por outro lado, servirá de convite para uma reflexão filosófica sobre a maneira como o eurocentrismo traz esvaziamentos epistêmicos, pois, certos conceitos cujos determinados significados na realidade africana foram desconsiderados e esvaziados das suas complexidades históricas, filosóficas e ontológicas e/ou

concernentes ao estudo da teoria do ser africano. Na raiz dessa produção eurocêntrica, há uma ordem e organização marcadas pelo epistemicídio e racismo.

A realização do ritual em questão, é feito por meio de *bumbulum*, (um tambor grande de formato cilíndrico cavado no seu interior e ele é o principal meio para passar as mensagens que descreve a respeito do papel que um falecido/a desempenhou ao longo da sua vida. As mensagens passadas, tem um sentido conotativo e notadamente certas pessoas conseguem decifrar o sentido enigmático de toque de *bumbulum*. Vale ressaltar que o uso da nomenclatura “humana mandjaku”, em vez de grupo étnico madjaku como muitas das vezes aparece escrito em vários trabalhos, tem a ver com o sentido que hoje em dia a palavra etnia constitui. Oliveira (2004) afirma o seguinte:

Etnia também se revela como um conceito que não é estritamente cultural, pois a delimitação de grupos étnicos parte de uma suposta alocação deles no conjunto dos grupos populacionais raciais sem abstrair a unidade do local de origem, e, para delimitar etnia, considera-se a concomitância de características somáticas (aparência física), linguísticas e culturais. Enfim, o conceito de raça é uma convenção arbitrária e pode ser enquadrada como uma categoria descritiva da antropologia, uma vez que é baseada nas características aparentes das pessoas. Portanto, o uso dos termos raça ou etnia está circunscrito à destinação política que se pretende dar a eles.

Partindo da citação anterior, faz perceber que o uso do conceito etnia pode significar estereótipos, discriminação e até preconceitos. Também esse conceito pode ainda variar de acordo com contexto, tanto cultural, social bem como político. Portanto, ele não é nada menos que a categorização do um determinado grupo, colocando eles numa posição inferior em relação aos outros.

O ritual *toka-tchur* não é simplesmente realização do ritual de passagem, porém também, pode ser considerado como uma filosofia, do povo Mandjaku e de outros povos que praticam este ritual, porque ele é um processo educativo do povo Mandjaku, por outro lado, pode ser considerado como um lugar de construção do ser uma vez que este tipo de ritual envolve um conjunto de saberes sobre como lidar com ancestralidade, onde as pessoas são ensinadas a participar na coletividade, um lugar da construção afetiva da família e de expressão sobre o modo de vida do povo mandjakus. Nessa perspectiva é fundamental, trazer alguns aspectos geográfico sobre o país onde estão localizados a maioria da comunidade Mandjaku.

A Guiné-Bissau fica situada na costa ocidental da África, o país conta com uma população estimada segundo os dados divulgados pelo Banco Mundial em 2022, num total de 2.105.566 habitantes. Sendo um país colonizado pelo Portugal, isso fez com que a língua portuguesa passou a ser a língua oficial. Conforme aponta Ine (2009, junto de Silva; Sampa,

2017), a língua guineense é a mais falada do país, ou seja, (90,4%) da população guineense falam a língua guineense nos seus quotidianos. A delimitação geográfica da Guiné-Bissau é de 36.125 km<sup>2</sup>, limita-se ao norte pela República do Senegal, leste e sul pela Guiné Conacri e oceano atlântico ao oeste.

O país ainda conta com três províncias, sendo elas: norte, sul e leste. Essas províncias dividem-se em oito regiões e mais um setor autônomo que é Bissau (capital do país), dentre estas regiões dividem-se em 37 setores. Segundo Noêmia Armando Monteiro (2020) a Guiné-Bissau está formada por uma população “multiétnico”, dentre as quais se destacam seguintes: balantas 30%, fulas 20%, mandjacos 14%, mandingas 13%, Pepeis 7% e outros 16%” (CIA, 2016). Essa característica, fez de o país possuir uma diversidade cultural muito grande. O povo Mandjaku, o quarto maior em termo de população, possui maior número dos habitantes na região de Cacheu, norte da Guiné-Bissau, por outro lado, conta com um número significativo de comunidades em vários países, nomeadamente: Senegal, Gâmbia, Portugal, França e assim por diante. Dentro da expressão humana Manjaku, conta com diferentes subgrupos, entre as quais, destacam-se algumas: mandjakus de Canchungo, Caio, Tchur, Calequisse, Canhobe, Tame e entre outros.

O ritual *toka tchur* o qual este trabalho aborda, nos últimos anos, tem ganhado destaque na comunidade de povo Mandjaku. Porque, apesar dos desafios enfrentadas por este povo, tanto ao nível econômico e bem como a reprodução do racismo religioso que se verifica no país, ainda assim é indispensável a realização do ritual deste ritual. A realização de ritual *toka tchur* precisa de muito dinheiro, pois, será necessário comprar panos de pintes, animais que serão sacrificadas e bebidas. Também as danças de toque *bumbulum*, músicas modernas e de diferentes ritmos das músicas guineenses fazem parte do ritual, essas despesas precisa de muito dinheiro, portanto, esses investimentos têm causado polêmicas principalmente por parte de algumas que converteram para outras religiões, porque consideram a realização dessa prática é um desperdício do dinheiro.

Diante dos fatos acima apresentados percebe-se que *toka-tchur* pode ser considerado como um processo da resistência, assim sendo, eu como elemento deste povo, ao longo da minha vivência na Guiné-Bissau, várias vezes participei em rituais de *toka-tchur*, onde percebi que os Mandjakus valorizam muito esse tipo de ritual, portanto, as minhas inquietações são seguintes: Como humano Mandjaku ainda consegue manter viva essa prática, mesmo diante da reprodução do racismo religioso que tem se verificado no país, bem como críticas por parte das camadas juvenil em relação aos recursos necessário para realização do ritual *toka tchur*?

## 2 PROBLEMA DE PESQUISA

Nos últimos anos, é notável que o ritual *toka tchur* tem ganhado destaque no que se refere aos recursos necessários para sua realização. Num *toka tchur*, as famílias, tios, sobrinhos, filhos, amigos e demais outros membros, fazem contribuições para sua realização. Em alguns casos, num *toka tchur* de um falecido/a adulto, são sacrificados dezenas de animais. De acordo com Vieira; Silva (2016) *apud* Cerqueira (2014), o “sacrifício desses animais possui um investimento simbólico e litúrgico imprescindível para a teogonia e liturgias próprias do contexto religioso”. Os animais abatidos para os rituais são os geralmente utilizados para a alimentação humana, como as aves (pombas e galináceos), chamadas de “dois pés”, e os ovinos, suínos, bovinos e caprinos, chamados de “quatro pés”.

Esse fato tem gerado polêmicas atualmente, principalmente por parte de muitos jovens, que converteram para religiões consideradas hegemônicas, estigmatizando assim essa prática. Mesmo por converterem para outras religiões, de acordo com (Mendes, 2018), muitas dessas pessoas mantêm seus talismãs e em algumas vezes participam nas realizações dos rituais de humano mandjakus.

Diante desse fato, a pergunta da partida desta pesquisa deve-se a necessidade de compreender o seguinte: como humano Mandjaku ainda consegue manter viva essa prática, mesmo diante da reprodução do racismo religioso que tem se verificado no país, bem como críticas por parte das camadas juvenil em relação aos recursos necessários para realização do ritual *toka tchur*?

## 3 JUSTIFICATIVA

A realização do ritual *toka-tchur* é feito pelas pessoas que sabem tocar o instrumento chamado *bumbulum*, um tambor grande de formato cilíndrico cavado no seu interior e ele é o principal meio para passar as mensagens que descreve sobre importante papel que uma pessoa desempenhou antes de partir para o mundo dos ancestrais.

As mensagens passadas, tem um sentido conotativo razão pela qual a sua decodificação é de exclusiva aos griôs, são eles que conseguem decifrar o sentido enigmático sobre *toka-tchur*.

O meu pai chamado Vicente Cafa, é uma das pessoas que sabem tocar o instrumento denominado, “*bumbulum*”, e não só, também sabe soprar flauta que é um dos instrumentos que

compõem a musicalidade dos mandjakus. Portanto, ele é um dos anciões responsáveis para a realização do ritual *toka-tchur* na tabanca.

De acordo com Amado Hampaté Ba os griôs são bibliotecas vivas da tradição oral de vários povos africanos. No continente africano, um griô nasce griô, seu ofício não é escolhido, relaciona-se a uma herança e à sua origem. Ele ainda frisa que, quando nasce um griô, a ele são atribuídos direitos e deveres, ele é responsável por guardar e transmitir a história do seu povo. Quando um griô morre, diz-se que uma biblioteca se foi, porque ele carrega consigo a sabedoria e as tradições desse povo.

Segundo Grada Kilomba (2019), O ato de escrever a nossa história é o ato da libertação e de colocar no lugar de sujeito. Por outro lado, também pode ser considerado como ato de descolonização e de política. No mesmo ponto de vista, Adilbênia Freire Machado (2014), frisa que a resignificação deve passar pela valorização daquilo que nós somos vistos que a filosofia por vários séculos, fora usada como meio de colonização, justificando as barbáries cometidas em nome de uma “civilização”, usurpando conhecimentos, inferiorizando os latino-americanos e, principalmente, os negros africanos, portanto, reconhecimento é desejar o outro e ir ao alcance de alteridade. Valorizar o que é nosso é reconhecer a riqueza das nossas raízes, da nossa cultura, dos nossos saberes ancestrais.

Podemos perceber que ao longo dos séculos, a realidade africana foi narrada de uma forma que coloca o africano no lugar de inferiorização. Dessa forma, este trabalho além debruçar sobre a realização da prática cultural *toka-tchur*, por outro lado, serve de convite para uma reflexão filosófica sobre a maneira como o eurocentrismo muitas das vezes traz um esvaziamento epistêmicos, pois, várias nomenclaturas foram vítimas de assassinatos, devido branqueamento dos termos. Foi nessa perspectiva que me fez pensar na responsabilidade de me colocar no lugar do sujeito narrador da sua própria história, nossa história precisa ser contada por nós, ou seja, devemos ser protagonistas das nossas histórias, só assim que podemos desmistificar as falsas epistemologias erguidas ao longo de muitos anos pela branquitude.

Ao longo da minha vivência em Guiné-Bissau, participei de vários rituais de *toka tchur*, pois nisso, percebi que humano Mandjaku o qual pertença, valorizam muito quando o assunto tem a ver com as práticas tradicionais tradições. O ritual *toka-tchur* é uma prática de muitos anos, porém, segundo as informações dos mais velhos, é que esse ritual tem ganhado espaço cada vez mais na sociedade Mandjaku, devido ao crescente investimento na sua realização do *toka tchur*. Muitos animais são sacrificados durante sua realização e, por outro lado, não falta a comida e bebidas em abundância e também muitos *panos de pinte*. *Panus di pinti*, é um tipo de pano (tecido) tradicional manufaturado, usados em diferentes tipos de rituais em Guiné-

Bissau, ele é o principal tecido utilizado para cobrir o corpo de um falecido. No caso de realização de *toka tchur* de um adulto, por exemplo, os números das vacas sacrificadas podem chegar até 60, dependendo das condições financeiras.

Conforme citado anteriormente que nos últimos anos, têm acontecido controversos no que se refere a tais investimentos durante a realização do ritual *toka-tchur*, porque muitos jovens têm mostrado insatisfeitos com tal prática, por confederarem isso de um desperdício monetário. Nesse sentido, em certas ocasiões, esses jovens reuniram a comunidade sob a proposta de redução dos gastos no que se refere ao ritual *toka tchur*. Mas só que essa ideia não concretizou, pelo contrário, essas pessoas que reivindicam por considerar estes investimentos de gastos excessivos, em algumas situações quando morre membros das famílias deles gastam mais recursos para a manutenção do ritual do que aqueles que os criticam.

Levando em conta o que foi observada, o presente projeto de pesquisa justifica-se em três âmbitos essenciais: sendo que a primeira tem a ver com a interesse política, como dito anteriormente pela Kilomba, de eu me colocar no lugar do sujeito narrador da sua história.

O segundo refere-se ao âmbito social, pois, esse tema nos convida a uma reflexão sobre a importância da ressignificação ou a reconstrução da nossa pessoa, pois, a sociedade precisa ser conscientizada de modo a evitar a estigmatização das práticas religiosas tradicionais da matriz africana. De acordo com um provérbio chinês: “se você quer manter limpa a sua cidade, comece varrendo diante da sua casa”. O último aspecto, diz respeito ao âmbito acadêmico, porque, esse trabalho seria uma muito relevante, uma vez que, ao longo da coleta de dados sobre este trabalho, percebi que poucas pesquisas estão relacionadas a essa temática. Portanto, o presente projeto de pesquisa servirá de suporte para os pesquisadores que desejam aprofundar mais sobre esse tema.

## **4 OBJETIVOS**

### **4.1 GERAL**

- Compreender sobre os fatores que levou o povo Mandjaku conseguir manter o ritual *toka-tchur* viva, mesmo diante preconceitos, críticas em relação aos investimentos para sua realização e intolerância religiosa que tem acontecido no país.

## 4.2 ESPECÍFICOS

- Explicar o sentido político, filosófico e pedagógico do ritual *toka tchur* para os mandjakus.
- Identificar as implicações que podem ocorrer no caso de não realização do ritual *toka tchur* da etnia manjaco.
- Descrever a importância do ritual *toka tchur* para a família
- Explicar sobre a relevância do ritual *toka tchur* para os mandjakus.

## 5 HIPÓTESES

De acordo com Somé (2001) os rituais, é o que nos permite manter uma ligação com os nossos ancestrais, assim sendo na tradição africana a melhor maneira de comunicar com os ancestrais e adquirir proteção será por meio da realização dos rituais. Portanto, a Guiné-Bissau sendo um país que conta com população de diferentes culturas. Cada povo tem uma determinada maneira de expressar com os ditos ancestrais. Nessa senda, a não realização dos rituais, conforme aponta Souza (2019), em algumas situações pode trazer diversos problemas na vida dos familiares.

Os mandjakus atribuíram grande valor ao ritual *toca-tchur*, o que permite supor que este ritual tenha o sentido de manter a relação entre o mundo dos vivos e dos mortos. Esse fato, concerne a crença na imortalidade da alma e a ideia de valorização da sua solidariedade com os seus ancestrais. Pois, o *toka tchur* lhes permite manter esse laço de convivência simbólica com os seus entes queridos.

Posto isto, verifica-se que a expressão humana Mandjaku, sendo um povo que não consideram a morte com o fim de uma pessoa, por isso, para eles a melhor maneira de pessoas falecidas serem bem acolhidos pelos ancestrais é através da realização do ritual *toka tchur*. Pois, a realização do referido ritual, é algo imprescindível na etnia mandjakus por acreditarem que a morte é uma possibilidade de viajar para o mundo espiritual, pois para os mandjakus, quando morre uma pessoa automaticamente passara adquirir os poderes sobrenaturais. Dessa maneira, um viajante deve ser bem-arrumado para não enfrentar dificuldades, assim, quando chegar ao seu destino trabalhará para o bem-estar da família que ficaram nesse mundo, no sentido de trazer a proteção para todos.

## 6 REFERENCIAL TEÓRICO

O ritual *toka tchur* é uma herança tradicional de longos anos, passando de gerações para gerações. Geralmente a realização desse ritual é após a morte de um indivíduo principalmente idoso/a, é nesse momento que a família reúne para saber se vai ser realizado ritual ou não, pois é através da mediação de espíritos de divindades *irã e itchap*, que a família irá saber se o falecido/a cometeu alguma irregularidade neste mundo (pecado). Esse processo consiste em uma interrogação conhecida como *djon gago*, onde os homens carregam pelos ombros uma estrutura feita de bambu, essa estrutura é movida pelo espírito que habita no corpo do falecido. Depois deste processo a família saberá sobre o motivo do falecimento da pessoa. Visto que todas as mortes para os mandjakus tem uma causa, ou seja, nada acontece por acaso.

Feito isso, os familiares reúnem sobre o papel que cada membro vai desempenhar em relação aos recursos necessários para realizar o ritual. Lembrando que diferentes grupos povos da Guiné-Bissau fazem o ritual *toka tchur*, exemplo de: papeis, mansoncas, balantas, mandjakus, brames/mancanhes e entre outros.

O ritual *toka-tchur* é uma prática cultural de diferentes povos da Guiné-Bissau, exemplo dos manjacos, balantas, Pepeles, mancanhis (Brames), mansoncas e entre outros. É importante salientar que existe um pouco de diferença em termos da realização do ritual por estes diferentes povos citados anteriormente, porém de modo geral, é indispensável o *bumbulum* para realização do ritual e assim como o sacrifício dos animais e os panos de pentes.

Como afirma Somé (2007), por sermos seres humanos, temos certas limitações, portanto, no ritual chamamos o espírito para nos mostrar os obstáculos que não somos capazes de ver. Dessa forma, podemos perceber que os rituais têm como propósito de estabelecer a ligação entre o mundo espiritual e o mundo dos vivos, portanto, essa conexão nos ajuda na maneira de ter uma visão além do parâmetro racialmente limitada.

Leonardo (2004 *apud* Sila, 2019), aponta que na sociedade africana a morte não é considerada como o fim de uma pessoa, mas sim, ele é encarado como uma possibilidade de ingressar no mundo dos mortos. Pois, para expressão humana manjaco, quando morre uma pessoa a sua alma passará adquirir poderes sobrenaturais, assim, a alma do falecido/a passará cuidar da família que ainda se encontram vivos, trazendo assim proteção para toda família.

Há um provérbio iorubá que diz que quando uma entidade espiritual não é alimentada ela morre, ela deixa de existir. Então, há uma dimensão no plano estritamente religioso, imediatamente religioso, a qual é a alimentação das entidades espirituais, das dimensões e manifestações do divino, e que se perfaz com o consumo do animal sacralizado por todos, iniciados e não iniciados. Os que já foram a alguma cerimônia

de *candomblé* devem ter na memória que, em certo momento, é servido alimento aos que desejam (Vida, 2007, p. 298).

Dessa forma de ver a morte não existe a ideia de aniquilamento, os mortos podem retornar ao mundo dos vivos de outras formas, durante o sono destes e por meio de aparições. Segundo Silva (2019), *toka tchur* é um legado deixado pelos antepassados e que ao longo dos anos foi herdado, com objetivo manter uma ligação entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos. Enquanto Benzinho; Rosa; Sila, (2019) defendem que esse tipo de ritual serve para a evocação do espírito, dessa forma permite com que a alma de pessoa morta possa ser recebida no mundo dos ancestrais.

Esta função do ritual também é compartilhada por ao ressaltar que, apesar de a cerimônia ser, de causas a efeitos, em homenagem ao morto, a vida continua é para os vivos, sendo o ritual, portanto, especialmente vital e benéfico para aqueles que assistem, criando um momento de comunhão, de estar juntos, de cumplicidade, de compaixão e renovação, estabelecendo conexão com o sagrado e marcando o início do luto necessário. Desta forma, é importante garantir um tributo digno ao falecido em uma cerimônia para marcar este momento, estabelecendo uma reintegração do defunto em outro lugar, que é o da memória (Souza; Souza, 2019, p. 5).

No decorrer da cerimônia de *toka tchur* acontece sempre uma grande manifestação da parte dos familiares, parentes, amigos, netos, filhos *karmussa*. Nesta senda, Mendes (2021) define que revela que a urgência da realização desta cerimônia é explicada pela necessidade de desvendar as causas da morte, sendo possível, consoante os usos e costumes deste povo, depois da cerimônia de *Pelas Pum* (*toca tchur*, através do interrogatório na língua Mandjaku “*utchuas*” que é na língua crioulo (*djongago*) realiza-se quando uma pessoa morre para saber sobre a causa da morte.

## **7 RELIGIÕES DA MATRIZ AFRICANA: IRAN ENQUANTO ENTIDADE ESPIRITUAL**

O *iran* chamado em língua Mandjaku como *utchai*, ele é uma divindade que serve de diálogo entre o mundo espiritual e o mundo dos vivos, nos rituais, por exemplo, ele é um espírito que se manifesta, principalmente nos ritos de passagem. Assim, ele dá fundamentos aos humanos encarnados, protegidos ao mal, por outro lado, indica-os melhor caminho para resolução dos conflitos.

A pessoa mais indicada para receber as mensagens do irã é, em língua *manjak*, o namanha, em crioulo balobeiro, como também é conhecido. Normalmente, entende-se como irã espíritos de antepassados ou divindades ancestrais da onde são originários os Manjacos. Essas entidades devem ser cultuadas através das cerimônias, onde são constantemente oferecidos animais em sacrifício, razão pela qual os Manjacos estão inseridos dentre os grupos chamados ‘animistas’ (Gomes, 2018, p. 29, grifos do autor).

Conforme aponta Somé (2003), o chamado ritual é o meio pelo qual chamamos o espírito para servir de guia, ou seja, supervisionar as nossas atividades, portanto neste ponto de vista percebe-se que o papel da *iran* pode ser considerado como um árbitro, o qual a tarefa principal a mediação entre o mundo dos vivos e o mundo do além. Ele atua por intermédio de *balobeiro* que é alguém indicado para fazer o papel de tradução da linguagem do *iran*. Em muitas *tabancas* da Guiné-Bissau, existem pessoas que acreditam em *iran* como uma divindade, capaz de resolver os seus problemas, o *iran* pode estar em qualquer lugar, seja nas matas, no rio, e até nas árvores.

Consoante Isaia e Godoy (2021) Os *Djambakós* são consideradas de mediadores entre o mundo espiritual e mundo dos deuses, pois, fazem investigação sobre os estados das almas dos antepassados. Por outro lado, são também curandeiros tradicionais, que trabalham com todo tipo de plantas medicinais. Os mesmos ainda realçam que:

Os irans são adotados de um poder sobrenatural. Eles são capazes de entender o que os espíritos querem dizer. São a ligação do divino com o humano. Para se tornar um *Djambakós*, o homem e *Djambakós* dão conselhos para os casais, para os jovens. São encarados como escolhido participa, por um longo tempo, de cerimônias onde apenas os *Djambakós* são aceitos (Isaia; Godoy, 2021, p.118)

Embora *utchai* seja o espírito fundamental na interação social das comunidades manjaco, os atores deste grupo étnico acreditam também na existência de *Nassibantchi* (Deus). Os atores manjaco reconhecem a existência de um ser onipotente (Deus) mas também admitem que o *iran* é dotado de poderes de comunicar com Deus, e também serve de intermediário entre os seres vivos e os ancestrais.

A doutrina cristã não conseguiu dominar totalmente a prática religiosa de mandjakus. Pois para eles as divindades são muito reais para serem ignoradas, portanto, nas comunidades é fácil encontrar muitas pessoas que aceitaram Cristo, mas mantiveram seus talismãs protetores. Hoje, a maioria dos mandjakus pratica a sua religião tradicional, apesar de terem implantado diversas missões católicas e evangélicas na região. A vida cotidiana dos mandjakus está envolvida por rituais. Todas as atividades do dia-a-dia (lavora, artesanato, pesca, etc.) circulam em torno do sagrado. (Mendes, 2018).

Os fatores migratórios, tais como as guerras e o colonialismo, em certa medida, contribuíram para que ocorressem mudanças sociais e culturais entre esses povos. Atualmente, os mandjakus que existem no território nacional possuem diferenciação nas práticas culturais, assim como nas organizações sociais, religiosas.

Apesar dos desafios associados à reprodução do racismo religioso e intolerância religiosa que tem verificada na sociedade guineense, mesmo assim, o povo mandjaku conseguiu manter muitas das suas tradições, transmitindo de gerações em gerações. A realização do ritual *toka tchur* da expressão humana mandjaku de fato, não possui um montante exato em relação aos recursos financeiros necessários para sua realização, porém, existem coisas indispensáveis para sua realização. Conforme Couto e Embalo (2010 *apud* Sila, 2019), *toka-tchur* é um tipo de ritual que se faz a partir de uma contribuição por parte dos parentes, ou seja, a família, amigos/as do falecido/a.

Nos últimos anos tem se verificados em Guiné-Bissau, as práticas das reproduções do racismo religioso, de incêndios das divindades, assim como a estigmatização das práticas religiosas de matriz africana no país. No início do ano 2024, por exemplo, aconteceu um incêndio de *baloba*, lugar sagrado da de povos da Guiné-Bissau não praticantes das religiões abraâmicas, como cristianismo e islamismo. Essa prática aconteceu num dos bairros de Bissau, capital do país.

Conforme professor Sidnei Nogueira na sua obra intitulado a intolerância religiosa, descreve o seguinte: O preconceito, discriminação e a intolerância religiosa no caso da tradição, cultura e religiões de matriz africana o racismo se caracteriza pelas formas perversas de julgamento que estigmatiza um grupo e exaltam o outro velarizam e confere prestígio e hegemonias a um determinado em detrimento de ourem sustentando pelas ignorâncias pelo moralismo pelo conservadorismo e atualmente pelos poderes político os quais culminam em ações prejudiciais e até certo ponto criminoso contra um grupo de pessoas cujo crenças consideradas não hegemônicas.(P.19)

Ele ainda frisa que toda forma de preconceito tem a origem a partir de uma postura social histórica e cultural na qual tem como pretensão de segregar para dominar de modo a puder manter os padrões do poder. Assim sendo, podemos perceber que o racismo contra as práticas religiosas da matriz africana é estigmatizado por serem da origem africana e preta.

## 8 METODOLOGIA

Conforme o professor da psicologia educacional, John W. Creswell (2010) A pesquisa de caráter qualitativa é um recurso que serve para explorar e compreender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social, ou humano. Visto que este tipo de pesquisa permite fazer análise de dados, por meio de levantamento bibliográfico dos materiais disponíveis a partir da internet, desde livros, artigos, monografias, teses de doutorado, projetos de pesquisas, revistas e assim como fazer entrevistas muito mais, permitindo assim, pesquisar sobre os temas voltados às tradições, aos saberes, cultura e rituais do humano Mandjaku. Também, este procedimento irá permitir compreender sobre quais foram conclusão dos autores que já pesquisaram sobre o tema do ritual *toka-tchur*.

Dessa forma o presente projeto será de caráter qualitativa, pois, realizaremos às entrevistas narrativas de modalidade remota, na qual iremos entrevistar pessoas por meio de redes sociais, principalmente pelo WhatsApp e Messenger. Essas ferramentas, irá permitir um estabelecer um diálogo mais aprofundado com as pessoas que serão entrevistados. Nisso, iremos entrevistar quatro anciões que vivem na tabanca, com idade compreendida a partir 50 anos, assim possibilitará conhecer sobre a maneira como esse ritual era praticado principalmente no século passado e como está sendo praticado atualmente. Dessa forma, seria possível descobrir o porquê que este ritual está ganhando destaque cada vez mais na sociedade dos *mandjaku* em relação aos recursos essenciais para sua realização.

Os critérios das seleções dos coautores dessa primeira faixa etária serão seguintes: entrevistaremos duas pessoas do sexo feminino e dois do sexo masculino. Essas pessoas devem ser os que vivem na tabanca, uma vez que a realização do ritual *toka tchur* dos mandjakus é feito somente na tabanca. Pois, essa faixa etária, são os que conhecem mais sobre a prática *toka tchur*.

Em seguida, iremos entrevistar quatro jovens de diferentes gêneros pertencentes ao povo mandjaku, com idade compreendidas entre 18 anos a 29 anos. Os critérios para seleção dessa camada serão seguintes: dois deles de religião cristã e duas não praticantes dessa religião, assim sendo, permitirá conhecer sobre a maneira como esses enxergam essa prática, uma vez durante a minha vivência, nesse na sociedade mandjakus presenciei sobre vários discursos em relação ao que tem a ver com a forma que esse ritual é praticado. As entrevistas por parte da camada juvenil, serão de formato semiestruturado, ou seja, será aplicado questionários por que vão ser respondidos por meio de preenchimentos dos formulários e por meio de entrevistas, que serão feitas a partir das redes sociais anteriormente mencionadas.



## REFERÊNCIAS

BÂ, Amadou Hampâté. A tradição viva. In: KI-ZERBO, J. (Org.). **História da África**. São Paulo: Ática; Paris: UNESCO, 1982.

BANCO MUNDIAL. **Population, total - Guinea-Bissau**. 2022. Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/SP.POP.TOTL?locations=GW>. Acesso em: 01 de maio 2024.

CESAR ISAIA, Artur; DE GODOY, Maristela. Memória, religiosidade e arte nas práticas culturais do sensível de um guineense do século XXI. **Saeculum-Revista de História**, v. 26, n. 45, 2021.

CRESWELL, John.W. **Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed; 2010.

GARAFÃO, Yolanda Vitor Monteiro. **O Casamento da Etnia Pepel e suas Resignificações na Contemporaneidade**. 2022. 145 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

IÉ, Ivo Aloide. Língua e identidade cultural: um estudo onomástico em Antroponímia do grupo étnico papel da Guiné-Bissau. **Njinga e Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras**, v. 1, n. 1, p. 137-153, 2021. Disponível em: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/njingaesape/article/view/560/389>. Acesso em: 01 maio 2024.

ISAIA, Artur Cesar; GODOY, Maristela de. Memória, religiosidade e arte nas práticas culturais do sensível de um guineense do século XXI. **SÆCULUM: Revista de História** [v. 26, n. 45]. João Pessoa, p. 109-124, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/srh/article/view/59259>. Acesso em: 1 maio. 2024

JESUS, Bernardo Gomes de. **Manjacos da Guiné-Bissau: sobre discursos, cultura, saberes e tradições no período colonial e pós-colonial**. 2018

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**. Episódios de Racismo Cotidiano Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MACHADO, Aldibênia Freire. Filosofia africana para descolonizar olhares: perspectivas para o ensino das relações étnico-raciais. **#Tear: Revista de Educação, Ciência e Tecnologia**, Canoas, v. 3, n. 1, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/tear/article/view/1854>. Acesso em: 1 maio. 2024.

MENDES, Irina. **A prática do ucó: cosmo-ontologia manjaco sobre materialização do corpo na diversidade corporal**. 2018.

MONTEIRO, Armando Noêmia. **Educação familiar: influência na escolarização e nas escolhas sociais das mulheres guineenses**. 27f. Licenciatura em Pedagogia pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. São Francisco do Conde, 2020.

- NHAGA, Ghorque Joaquim. **Formação de identidade nacional na Guiné-Bissau**. 2011. 74 f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Ciências Sociais) -Universidade de Brasília, Brasília, 2011
- NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância religiosa** [livro eletrônico]. São Paulo: Pólen, 2020.
- NUNIZ, Celina Rodrigues; CORREIA, Nuna Nunes; CAMPOS, Sulemi Fabiano. Ensino no contexto da diversidade linguística em Guiné-Bissau: uma proposta para o ensino da leitura e da escrita. **Revista ECOS**, v. 35, n. 02, p. 187-204, 2023.
- OLIVEIRA, Fátima. Ser negro no Brasil: alcances e limites. **Estudos avançados**, v. 18, p. 57-60, 2004.
- SILÁ, Aua. **O povo Brame ou Mancanha da Guiné-Bissau**: um estudo sobre ritual fúnebre Toca-Choro (Toka Tchur). 2019. 28 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Humanidades) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2019.
- SILVA, Ciro Lopes da; SAMPA, Pascoal Jorge. A Língua Portuguesa na Guiné-Bissau: Influência do Crioulo e a Identidade Cultural no Português. **Revista Internacional em Língua Portuguesa**, n. 31, p. 231-247, 2017.
- SOMÉ, Sobunfu. **O espírito da intimidade**: Ensinamentos ancestrais africanos sobre maneira de se relacionar. ODYSSEUS. 2023
- SOUZA, Christiane Pantoja de; SOUZA, Airle Miranda de. Rituais fúnebres no processo do luto: significados e funções. **Psic. Teor. E Pesq.** v. 35, p.1-7, 2019.
- VIEIRA, Tereza Rodrigues e SILVA, Camilo Henrique. O sacrifício animal em rituais religiosos ou crenças. **Revista de Biodireito e Direito dos Animais**, Curitiba. v. 2 n. 2 p. 97-117, 2016.